

Picolé e Juraci

Juraci, quase dois metros de altura, movimentos desajeitados em sua magreza, transformava cada deslocamento num ato de carinho para com seu homem, o amor de sua vida.

No início, foi a questão da dessemelhança física, e a conseqüente incompreensão dos outros, transformada em chacota. Descendente de kikuyus quenianos, Juraci conservava como seu avós a alta estatura e a compleição aparentemente frágil.

Depois, um estalar da língua repetitivo e cacófato, que ele emitia em momentos de tensão ou às vezes a dormir, e que nunca pode ser explicado, também se constituiu em soma à desigualdade.

Enfim, corolário das diferenças, a dificuldade no primeiro ato de amor. Até misturarem secreções pessoais, confundidos numa só pessoa, foi uma seqüência quase acrobática.

Juvelino, doze anos de idade, quando seus amigos tinham as primeiras erupções de espinhas, pelos, alterações na voz e espichavam, mantinha-se qual anão. Apelidaram-no, Picolé. E pequenino se manteve anos afora. O encontro adiante com Juraci fez surgir um desafio para ambos: um repto de meio metro. Venceram, na medida em que namoraram, noivaram e casaram-se, gerando alguns filhos, altos e baixos.

Jovelino recém passara dos vinte e cinco anos. Era bedel na Faculdade de Medicina.

Voltou para casa um dia com uma história e a sentença. Desde então, Jovelino tornou-se outro homem, a sombra soturna de um sol em poente.

Soube, de um erudito professor, que era descendente de pigmeus, lá das florestas do Congo. Talvez seu ancestral que cruzou o Atlântico, soube do mestre, fora um bufão de uma corte real.

Explicou a Juraci, já moribundo, uns poucos anos adiante – tinha trinta anos – ,
da sentença: os pigmeus vivem muito pouco.